

O RECURSO À BISSEXUALIDADE PSÍQUICA NA TEORIA FREUDIANA DA SEXUALIDADE: A PEDRA ANGULAR DE ARTICULAÇÃO ENTRE PULSÃO E INCONSCIENTE?

Rafael Andrade dos Santos

Este pequeno trabalho visa clarificar alguns pontos de como o conceito de bissexualidade comparece nos desenvolvimentos teóricos de Freud, especialmente em seu trabalho capital sobre a sexualidade humana de 1905, onde o recurso que ele faz a esse conceito lhe serve como uma espécie de sustentação para sua teoria.

A partir dessa pesquisa dirigida para o conceito de bissexualidade pudemos constatar sua importância no quadro teórico geral da psicanálise, como um interessante campo de pesquisa e desdobramentos possíveis.

Os “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicados em 1905, nos oferecem uma fonte considerável de dados a respeito dos pontos de vista teóricos, defendidos por Freud, de sua compreensão a respeito da sexualidade humana.

Em “O interesse científico da psicanálise” (FREUD, 1913/1992), Freud salienta que lhe satisfaria se a psicanálise fosse considerada como estando a meio caminho entre a biologia e a psicologia; assim, parece querer preservar as raízes teóricas das quais sua ciência é tributária.

Constituindo-se como um diálogo entre a biologia, a sexologia e a psicopatologia, como pôde nos mostrar Frank Sulloway (SULLOWAY, 1981. p. 264), oferecendo o quadro geral destas influências no pensamento freudiano; os “Três Ensaios” autenticaram a concepção freudiana da sexualidade, provenientes de descobertas clínicas importantes que trouxeram a sexualidade ao primeiro plano de investigação teórica psicanalítica.

As observações realizadas por Freud acerca da importância dos fatores sexuais na causação das chamadas psiconeuroses, foram as que levaram a uma subsequente

investigação sobre a sexualidade (FREUD, 1905/1992. p. 113). Seus primeiros enfoques sobre o tema partiam de premissas fisiológico-químicas, como Peter Gay (GAY, 1989. p.48) bem pôde mostrar, a formação inicial de Freud foi bastante influenciada pela escola que agregava grandes mestres tais como Brücke, Du Bois-Raymond e Helmholtz, referências que seriam fundamentais a respeito do entendimento fisiológico-químico acerca do organismo vivo, de forma que sua insistência sobre elas se estenderá até pouco depois da virada da década de 1890 (FREUD, 1894/1992. vol. I, p.225).

O abandono da teoria da sedução foi seguido pelas comprovações da sexualidade infantil e da compreensão de uma disposição polimorficamente perversa em todos os indivíduos. Conseqüentemente à descoberta do complexo de Édipo e das fantasias históricas, se deu a conformação da posição freudiana ulterior a partir da qual existiria um vínculo entre essas evidências clínicas e as causas dos conflitos neuróticos.

Em seu trabalho sobre a sexualidade de 1905, Freud desenvolveu os múltiplos aspectos da constituição sexual dos sujeitos, assim como a composição interna da pulsão sexual e as diversas fontes orgânicas ativas em sua formação (FREUD, 1906 [1905]/1992. p. 267).

O primeiro ensaio intitulado “As aberrações sexuais” tem por tema central o problema da então chamada inversão sexual. As maiores referências contidas neste primeiro ensaio foram tomadas das conhecidas publicações de Krafft-Ebing, Albert Moll, Havelock Ellis, Iwan Bloch e Magnus Hirschfeld, acerca das patologias sexuais, objeto de estudo caro à neófito ciência da Sexologia (SULLOWAY, 1981. p. 266). Freud, ao mostrar fina erudição na convocação desses pioneiros, chegando mesmo a atribuir a eles boa parte do seu conhecimento nesse campo, apresenta os argumentos que explicam a chamada inversão sexual e as perversões sexuais. Para Freud, era necessário, para compreensão do problema, efetuar uma distinção entre objeto (*Objekt*) e meta

(*Ziel*) sexuais, proporcionando assim uma rigorosa classificação dos fenômenos em questão. Na pena de Freud:

chamemos de objeto sexual a pessoa da qual parte a atração sexual, e de meta sexual a ação para a qual a pulsão se dirige. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e a meta sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação profunda. (FREUD, 1905/1992, pg. 123.)

Neste primeiro ensaio está a base do que vai ser desenvolvido nos outros dois: nele Freud quase esboça uma fenomenologia da sexualidade humana, que extrapola a atividade sexual animal concebida como restrita à reprodução da espécie.

Freud chama de fábula poética o saber popular que traz a explicação da diferença entre os sexos pelo fato de que aspiram a se unir por via do amor. Ignorar-se-ia o fato que existam pessoas que se dirigem para pessoas do seu mesmo sexo e que o número de indivíduos que são contados nesta classe não pode ser subestimado. Freud mostra que “diz-se dessas pessoas que são “de *sexo contrário*”, ou melhor, “*invertidas*”, e chama-se o fato de inversão.” (FREUD, 1905/1992, p. 124). Esse diálogo com o “saber popular” permeia grande parte do primeiro ensaio, permitindo indicar a parcela de obscurantismo que impregnara a compreensão teórica dos chamados invertidos sexuais.

Parte-se então para a crítica em relação à polêmica alternativa inato X adquirido, presente no discurso científico do problema, denunciando que ela não contempla a explicação dos fenômenos de inversão. Para tanto, se deveria considerar que duas são as influências a que o indivíduo está submetido: por um lado temos o ambiente que comparece como contingencial e, por outro, podemos supor algo que se alia à constituição pulsional do sujeito. Para Freud, sem essas considerações, é insustentável explicar certos fenômenos inerentes à sexualidade humana por outras vias.

Freud postula a respeito das pulsões sexuais que qualquer distinção só seria possível considerando sua meta de satisfação e não sua constituição. O amalgamento entre masculino/satisfação ativa e feminino/satisfação passiva só se dará posteriormente no desenvolvimento sexual. Este seria um dos erros que incorreria a biologia por supor “naturais” as características do sexo do indivíduo, pois confunde a pulsão com meta de satisfação.

Para Freud, diferenciar a sexualidade da genitalidade apresentou a vantagem de permitir levar as manifestações sexuais das crianças e dos chamados perversos para o mesmo âmbito dos adultos normais. Salienta-se por esse fato que a homossexualidade, a mais importante das perversões para Freud (FREUD, 1925 [1924]/1992. p. 36), quase não merece ser chamada de perversão. Ela pode ser remetida à *bissexualidade psíquica constitucional* de todos os seres humanos e aos efeitos secundários da primazia fálica. Amiúde a psicanálise permite apontar para um vestígio ou outro de uma escolha homossexual em todos os indivíduos, daí a descrição “polimorficamente perversas” para as crianças, pois está de acordo com a forma como a sexualidade se desenvolve desde seu período mais primitivo.

Antes dos *Três Ensaio*s, é possível localizar dois momentos importantes onde Freud trata ou articula o tema da bissexualidade constitucional dos seres humanos. O primeiro está presente apenas como vislumbre da noção de bissexualidade presente no inconsciente no artigo “Sobre os sonhos”, onde Freud assevera que uma série de símbolos oníricos podem, e por vezes devem, ser interpretados como sendo bissexuais (FREUD, 1901/1992. p. 666); a segunda está presente no estudo que tratou do caso clínico de Dora (1905 [1901]/1992), em cujo posfácio estão presentes algumas idéias que serão tratadas posteriormente por Freud, como ele mesmo diz: “tampouco me estendi neste ensaio, [...], acerca do que hoje se pode dizer sobre a “complacência

somática”, os germes infantis da perversão, as zonas erógenas e a *predisposição para a bissexualidade*; apenas destaquei os pontos em que a análise tropeça nesses fundamentos orgânicos dos sintomas.” (FREUD, 1905/1992, p.99)

Devemos salientar que quando Freud fala de bissexualidade, rejeita-se toda a idéia de uma constituição sexual baseada puramente em fatores biológicos; os fatores psíquicos influem nos desenvolvimentos posteriores da sexualidade do indivíduo. Freud admite assim que sem o pressuposto da *bissexualidade psíquica* como constitutiva da sexualidade humana torna-se incongruente explicar fenômenos tais como as perversões sexuais e mais amplamente as manifestações da sexualidade na infância.

Antes das publicações consideradas psicanalíticas, a noção de bissexualidade também esteve presente nas trocas teóricas que Freud manteve por alguns anos com o médico alemão Wilhelm Fliess, sendo graças à publicação da sua correspondência que se pôde reconstituir em detalhe a história do interesse de Freud pelo tema da bissexualidade e da sexualidade em geral. Numa dessas cartas (FREUD, 1905/1992, p.115) é claro o interesse de Freud em escrever um trabalho que se detenha exclusivamente na sexualidade humana, após ter terminado seu trabalho sobre a histeria e ter percebido neste quadro clínico a relevância que as causas sexuais têm em sua constituição.

Parece que nos desdobramentos teóricos posteriores em que Freud vai lançar mão da noção de bissexualidade geralmente está embutida a idéia de que no inconsciente, foro de uma psicosexualidade pulsional, os dois sexos comparecem como potenciais objetos de investimento (estrutura pela qual o Édipo se instaura)(Cf. FREUD, 1923/2007, p. 43), como mostram, por exemplo, “a sexualidade indiferenciada da criança” (FREUD, 1905 [1901]/1992. p. 45) e dos perversos.

A guisa de conclusão, poderíamos, a partir da compreensão em torno da qual a noção de bissexualidade psíquica comparece no pensamento de Freud, considerá-la uma espécie de pedra angular que serviria de alicerce de sustentação para as articulações que a doutrina da sexualidade em Freud nos permite empreender, principalmente aquela que coloca em relação as pulsões e o inconsciente. De um lado as pulsões sendo o elo do psíquico com o somático e o Inconsciente – *die andere Schauplatz (a outra cena)* – na qual Freud vai descobrir toda uma estruturação simbólica em que a oposição masculino/feminino só se evidenciaria - muito aproximadamente – em pares de opostos como ativo/passivo.

BIBLIOGRAFIA

ELLENBERGER, Henri F. *Histoire de la découverte de l'inconscient*. Arthème Fayard, 1994.

FREUD, Sigmund. O eu e o isso (1923). In: **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. volume 3. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. Manuscrito D. Sobre la etiología y la teoría de las grandes neurosis. (1894) **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. Sobre el sueño (1901) In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. Fragmento de análisis de un caso de histeria (1905 [1901]) In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. Tres ensayos de teoría sexual (1905). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. Mis Tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis (1906 [1905]). In: **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

GAY, Peter. *Freud: Uma vida para o nosso tempo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan** – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

KAMIENIAK, J.-P. La construction d'un objet psychopathologique: La perversion sexuelle au XIXe siècle, **Revue française de psychanalyse** 2003/1, Vol.67, p. 249-262.

LANTERI-LAURA, Georges. **Leitura das perversões: história de sua apropriação médica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LAPLANCHE, Jean e PONTALIS, Jean-Baptiste. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ROAZEN, Paul. **Freud e seus discípulos**. Trad. Heloysa de Lima Dantas, São Paulo: Cultrix, 1978.

SULLOWAY, Frank. **Freud biologiste de l'esprit**. Librairie Arthème Fayard, 1981.

SOBRE O AUTOR

Rafael Andrade dos Santos. Psicólogo. Especializado em Psicanálise e Saúde Mental (UERJ). Mestrando em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PGPSA).